



O que me passa pela cabeça

No princípio achou que todos desconfiavam de que ele era apenas mais uma celebridade a visitar aquela prisão de alta segurança construída numa antiga lixeira num dos bairros mais pobres de Buenos Aires, San Martín. Mas todos os anos voltava a sentar-se entre os reclusos cumprindo uma das regras: não perguntar a nenhum deles que crime tinham cometido. A cada ano, a cada visita, reconhecia rostos e também no fim de cada visita despedia-se com um desejo: “espero não vos voltar a ver”. Era a maneira de desejar que se livrassem daquele lugar com um odor nauseabundo permanente onde tinha sido também construída uma universidade, oásis que muitos dos presos podiam frequentar caso tivessem habilitações.

A celebridade que os presos conheceram foi convidada em 2013 para dirigir um programa que fizesse ligação entre escritores do hemisfério sul, sobretudo argentinos, australianos, moçambicanos, sul-africanos. Chama-se **J.M. Coetzee**, Nobel da Literatura em 2003, e estabeleceu com eles uma ligação forte.

“O que os reclusos gostavam era de ver pessoas vindas de fora, dispostas a ouvi-los, a ouvir o que eles tinham para dizer ou que tinham estado a escrever. O que produziam não era grande literatura. E então? O importante era o efeito sobre a sua moral, o seu humor, o sentimento de continuarem a pertencer ao mundo”, contou o escritor em Lisboa numa conversa no cinema Nimas dedicada à cultura nas prisões, à margem do LEFFEST, o festival de cinema onde presidiu ao júri.

Conhecido pela sua relutância — um eufemismo — em falar em público, surpreendeu ao aceitar conversar sobre um tema que, mais uma vez, mostra a sua relação com um mundo sombrio sempre sem romantizar a experiência. Partilhou isso com a poeta portuguesa Ana Luísa Amaral que desenvolveu um trabalho semelhante numa prisão no Porto, e com Inês Branco López, curadora do festival e voluntária em San Martín num programa de literacia para reclusos.

Foi Inês quem desafiou o escritor a participar numa selecção de poemas produzidos pelos reclusos. Chama-se **El Silencio Que Grita** e tem prefácio de Coetzee. É um pequeno livro de capa vermelha, edição trilingue, em castelhano, inglês e francês, com vendas a reverter para o programa de ensino nas prisões. No interior, entre os poemas, há uma

fotografia a preto e branco de Coetzee sentado junto aos presos, olhar em frente, semblante fechado e, na mão, papéis. Nunca

perguntou pelos crimes. Eles podiam sempre mentir, ainda que a si mesmos.

“Cheguei a San Martín com uma convicção simples, crua: que o fogo da literatura em si mesma, e sobretudo o fogo da poesia, seria o derradeiro teste da verdade; que os poemas e as histórias escritos pelos membros da

oficina me diriam mais sobre eles do que qualquer espécie de conversa que pudesse ter com eles”, lê-se. E mais: “Não se podem dizer mentiras na poesia: essa era outra crença que eu levava. Se tentarmos mentir, o poema irá corrigir-nos.” Por fim: “Cada um destes poemas é a cena de um combate. O combate de um ser humano que luta para dar voz ao seu eu interior e expressar a sua verdade própria.”

Por
Isabel Lucas



EP/ RICARDO MALDONADO ROZO

